

ASSINATURA		
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL		
PAGAMENTO ADIANTADO		
Continente, colónias e estrangeiro	Meses	Preços
Lisboa	1	9550
Provincia	3	28550
África portuguesa	6	66500
Estrangeiro	6	102500

Inexplicável dedicação

O *Correio da Manhã* continua desempenhando, com grande persistência e não menor entusiasmo, o papel de defensor à «outrance» da situação; papel que ninguém lhe distribuiu, fora das Juventudes Monárquicas Conservadoras e do Conselho Superior da Causa Monárquica.

O *Correio da Manhã* — é bom acentuá-lo — não deve favores alguns à situação, sendo até de notar que esta já o molestou, sem contemplicações e sem branduras.

O incidente da famosa circular aos monárquicos pedindo dinheiro, acenando-lhes com a sonhada promessa duma proclamaçãozinha do seu regime predilecto para breve, passou-se apenas há alguns meses e ainda não se varreu da memória de muita gente. A prisão e a incomunicabilidade do seu director, dr. Fernando Pizarro, pessoa de indiscutível popularidade em Santa Catarina, e a sua expulsão para o estrangeiro feita rapidamente, numa caruagem de 3.ª classe, é um episódio recente. A suspensão do *Correio da Manhã* é outro episódio recente — e ambos são a consequência da aludida circular.

E, afinal de contas, aquele jornal está satisfeitíssimo com a situação, o seu director está também radiante, o que nos leva a crer que o seu amor pela situação está acima de toda a espécie de considerações de ordem moral.

Não foi também a actual situação que encerrou as Juventudes Monárquicas Conservadoras, o único centro monárquico de Lisboa, e durante algum tempo manteve o seu encerramento?

Se os democráticos — os democráticos que tão afincadamente combatemos pelos seus erros, pela sua intolerância e pelos seus flagrantes atentados contra todas as liberdades — lhe tivessem encerrado o jornal, exilado o director e encerrado o centro, que diria o *Correio da Manhã* quando reaparecesse? Clamava que era uma violência injustificável e gritava que a pátria estava à beira da ruína e a república se converter a numa fétida cloaca.

Como se compreende que se resignasse às violências, e desde que reapareceu, continuasse imperturbavelmente queimando, pela situação, oiro, incenso e mirra?

O *Correio da Manhã* continua supondo que se publica na Beócia. Só assim se compreende que deixe cair da pena esta estúpida declaração: «não estamos especulando politicamente...» Essa agora! Então o órgão da causa monárquica não defende... a causa? Não trabalha para o restabelecimento da monarquia? Se calhar, aderiu à república... E tanto mais que se desvaneca a afirmar que «ajudaram a criar a situação».

A sua acção está expressa deste modo «encantador»:

«Trabalhamos por melhores dias para Portugal e ainda queremos crer que para tal se conseguir é necessária a manutenção no poder dum governo militar que se proponha levar a cabo o cumprimento do programa do 28 de Maio».

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.
Assinaturas trimestre 6\$00 — Anual 2\$00
Pedidos à administração de «A Batalha».

61 professores universitários americanos

solicitam ao governador de Massachusetts o indulto de Sacco e Vanzetti

PARIS, 14. — Outra informação de Boston diz que sessenta e um professores de direito, os quais fazem parte de doze universidades americanas, assinaram uma petição de revisão do processo de Sacco e Vanzetti. A petição foi enviada ao governador de Massachusetts, sr. Fuller. Os professores signatários da petição são os mesmos que na Universidade de Colúmbia tomaram a iniciativa de pedir a anulação das dívidas de guerra. — (E.)

O capitalismo em Ganebra

GENEIRA, 14. — O delegado russo, falando na sub-comissão de indústria da conferência económica internacional, disse que o «cartel» dos industriais é incapaz de resolver os problemas que afectam a sua especialidade, sendo, portanto, incapaz também de concorrer para a paz económica. — (L.)

O RANCOR NEGRO!

A «Semana da Criança» atarada ariniosamente pelas «Novidades»

Decididamente, o sr. Tomás Gamboa não tem emenda. Em vez de recolher a penas, para o que não lhe devem escassear as indispensáveis virtudes domésticas, ou de ir para o sertão ensinar os pretinhos a rezar o «padre nosso» — o seu português tem a vantagem de ser de rápida tradução para bundo — continua arvorado nas *Novidades* em cabeça de turco das intrigas do Patriarcado e do sr. Lino Neto.

Ontem, por exemplo, reincidência desoladora e fatal, «gambogeira-se» ao comprido sobre a *Semana da Criança*, denunciando-a falsamente como uma tentativa de propaganda extremista sobre a infância. Esqueceu-se, ou, antes, a sua incompetência nunca o poderia recordar, de que uma afirmação tem que se basear em factos, se pretende conquistar foros de cidade e constituir, à sua volta, uma atmosfera de credulidade. E quando, como neste caso, os factos não servem a sua afirmação, inventam-se de acordo com a repulente moral daquele preceito dos jesuítas: «os fins justificam os meios».

E Gamboa nem sequer inventou um facto, julgando que só meia dúzia de logarinhos comuns sobre o paganismo que ele não sabe em que consiste e sobre a ideologia laica — ideologia? — que ele detesta porque também a detestava o prior da sua terra da Beira e porque ela desgraçou aos arcanjos serafins, querubins e meninos do céu e da sua expressão secular — o sr. Lino Neto que, segundo nos asseveram, pensava em apresentar ao parlamento um projecto destinado a extrair dos humanos a descrença, com amnésia local e sem dores!

Brandindo, como arma de combate, umas zagaia que tem lá na redacção, protesta contra os direitos da criança, dizendo que eles tendem a diminuir a autoridade paterna e a «sociedade doméstica» — assim ele chama à família. E vem meter-se nas nossas mãos, de bem triste e desgraçada maneira, afirmando que a família é, dentro da justiça natural, anterior à sociedade civil e com direitos independentes desta.

Não temos espaço para referir, mesmo em síntese, o que foi a família no tempo a que a ele reporta a tal justiça natural, anterior à sociedade civil. Mas, não deixaremos de apontar alguns factos tendentes a demonstrar a camisa de onze varas em que o infeliz se meteu.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Virgindade doutrinar

A Ideia Nacional aconselha a quem pretende conhecer as ideias integralistas que ela defende, a leitura dos livros dessa apologetica.

Quanto ao jornal ficará — com grande mágoa, nossa — virgem de exposições doutrinares.

Contentam-se — hemos de convir que são fáceis de contentar — em apontar, a cada passo, na acção diária, as suas soluções e os seus métodos.

Quanto a nós, as soluções que aponta resumem-se em ovação o 28 de Maio e a situação dele saída. Consideram o 28 de Maio integralista e integralista a situação? Agradecemos que nos respondam no jornal e imploramos até que não reservem a explicação para um dos tais livros que já alguns dos seus duzentos e cinquenta colaboradores trazem em dolorosa meditação espino-cerebral.

Frascrios

O Santo Ofício — o Jamigerado Santo Ofício — enviou, a todos os bispos, recomendações bem severas acerca dos católicos que incorrerem no negro pecado de lerem obras e verem peças, que considere imorais e pornográficas.

Admitindo que haja nelas pornografia, achamos estranhável que seja necessário proibir aos católicos a sua leitura. Então os fiéis são tão marotos e tão frascrios, que conciliam os sermões dos padres e os preceitos católicos com as leituras de certas cantidridas literárias tão perversas e afrodisíacas que fariam enrubescer um macaco?

A C. P. E. OS FERROVIÁRIOS

Despedimento do pessoal do Minho e Douro
PORTO, 13. — A C. P. despediu 200 operários do Minho e Douro.

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Figueira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

Publicações recebidas

«Regras natura-vegetarianas», por Lhau Masc Araújo

Como propaganda do naturismo, este folheto tem noções práticas deveras interessantes e dignas de serem lidas com atenção pois o autor soube compilar os vários conhecimentos científicos dispersos sobre o sistema da alimentação naturista, higiene do vestuário, etc.

Recebemos o Boletim da Agência Geral das Colónias, n.º 23.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

O sr. Gamboa não sabe que nesses tempos os filhos herdavam tudo o que os pais possuíam, tudo incluindo as mulheres? Isto é de pôr as mãos na cabeça! Então aquele católico de cabeçalho de jornal não vê que até se davam casos de incesto, não medita que a apologia da tal justiça natural implicava na defesa do amor sexual entre os filhos e as suas próprias mães?

Leia a Bíblia e verá que, nesse tempo da justiça natural, os pais conseguiam, sem aberração nem remorso, ter netos directamente das suas próprias filhas. Será preciso que nós — os impiedosos, os ateus, os pedreiros livres, os que fizeram pacto com o diabo — lhe mostremos certas passagens das Sagradas Escrituras?

Nossa Senhora lhe perdoe — que para tanto nos escasseia, a nós, o ânimo e a benevolência! Benza-se, persigne-se, purifique-se, tome mesmo um banho para que não lhe fique na consciência o remorso de ter feito, involuntariamente, a apologia duma tão repugnante sujidade. Vá mesmo a Roma, em 1.ª classe do «rápido», pedir indulgências ao Santo Padre. O caso não é para menos.

A *Semana da Criança*, que ainda não compreendeu, é uma ideia humana, fora de todas as paixões políticas que dividem os homens e tão alheia aos extremismos, que vagamente flagela, que até tem o apoio do ministério da instrução! O seu objectivo é criar, dentro do país, o culto da criança, vítima do desdém da sociedade e até da boçalidade e da ignorância dos próprios pais, muitos dos quais, triste é dizê-lo, são péssimos educadores.

O pai não deve ter a propriedade absoluta do filho. Acima do direito da paternidade não estará o direito que a criança tem à vida? E se houvesse a tal propriedade absoluta do pai sobre o filho, ninguém interviria quando ele o martirizasse, espancasse e assassinasse. A própria Igreja, com a confissão, restringe essa propriedade...

Nós, bem sabemos o que o sr. Gamboa queria dizer — e não pôde. Como não gostamos de abusar da fraqueza dos adversários, damos-lhe caridosamente, gratuitamente, este esplêndido conselho:

Ponha o chapéu na cabeça, empunhe a bengala, abandone a redacção, vá para casa — e não regresse mais.

NO REGIME CAPITALISTA

As subtilezas do engenhoso industrial Ford

NOVA YORK, Abril. — Com a «sua» semana de cinco dias, Ford nada concedeu aos «seus» 200.000 operários. Então, perguntar-se há, o que motivou a atitude de Harry Ford? Recordemos que os operários da especialidade de abafos, indústria do vestuário, com a sua vitória conseguiram um salário que, semanalmente, ascende ao nível mais alto do que se trabalhassem seis dias.

Harry Ford exige, porém, que a produção de uma semana de cinco dias seja igual a uma produção que se pudesse realizar em seis dias.

Só assim os salários ficariam na escala antiga. Depois, o industrial de automóveis pensa intensificar a produção, com a semana de cinco dias, de modo a prover a toda a expansão dos mercados. E se a capacidade de aquisição do mercado se não modificou, Ford poderá reduzir o seu pessoal.

O famoso industrial, aproveitando o baixo preço da produção, reduziu «espontaneamente» a jornada de trabalho em uma proporção maior do que a exigida pelos organismos mais fortes da Federação Americana do Trabalho. O melhor pretexto para a agitação sindical dos trabalhadores ficou assim inutilizado, não se podendo fazer a organização de classe dos operários das fábricas de automóveis.

Emfim, Ford espera, certamente, por este meio, impedir de futuro a agitação operária nas suas fábricas. Ford parece tão impressionável ante a ameaça de invasão do sindicalismo e uma agitação nas suas fábricas poderia ser um novo perigo. O perigo pode nascer da produção em série mediante o emprego de processos técnicos muito perfeitos, baseados em um sistema de produção continua. Compreende-se que, em tais circunstâncias, a paralisação de uma parte provocará a paralisação do conjunto. O funcionamento regular dos estabelecimentos Ford exige a total extinção dos conflitos operários.

De facto, existem na América condições materiais propícias para a redução da jornada de trabalho. Os dirigentes sindicais são indignos das suas funções e, no entanto, continua fazendo-se a redução da jornada. Torna-se infinitamente sistemática a gradual introdução da «semana de cinco dias». A princípio foi necessária a luta contra os patrões, luta travada contra a vontade dos dirigentes reformistas; mas, depressa, a regalia foi estabelecida na casa Ford. E é desde então que a F. A. T. faz sua reivindicação já vitoriosa.

E' bom notar que na casa Ford a «semana de cinco dias» constitui um meio de combater a influência da organização sindical. O patronato procura furtar-se à vigilância dos sindicatos com a «concessão» da semana de cinco dias.

Uma crise na indústria têxtil

Fábricas encerradas e operários despedidos

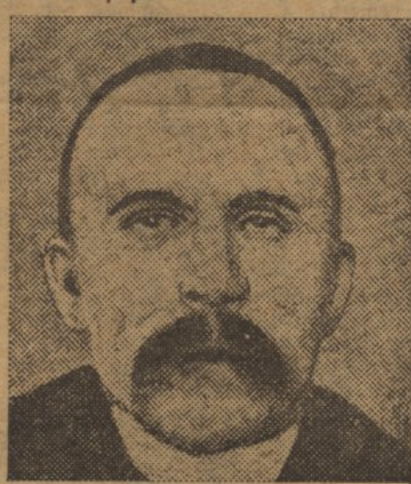
PARIS, 14. — Informam de Moscovo que se declarou uma grave crise na indústria têxtil da república soviética, cujas fábricas decidiram encerrar-se por um período de duas semanas. O governo declarou-se disposto a perseguir todos os estabelecimentos que, baixando os preços dos produtos em obediência a um decreto promulgado, têm diminuído proporcionalmente o número dos operários que empregavam. — (Especial).

PERSPECTIVAS

A vida e o pensamento de um condenado

A casa de correcção de Charleston está constituída em forma de cruz, como as igrejas. Os visitantes esperam no côro e depois são introduzidos no local em que deveria ser erguida, numa igreja católica, o altar. Ali, frente a uma guarda que está sentado no púlpito, há um semi-círculo de bancos. Em todos os bancos conversam, a medo, grupos de pessoas.

De cada grupo, uma pessoa é o priso, outra um amigo, um irmão, uma mulher. Os visitantes nunca se sentem à vontade. Envergonham-se da frescura que se surpreende na sua expressão e da alegria de ser livre que na sua indumentária se manifesta. Como se visitassem um hospital, queriam depressa estar lá fora e mesmo assim envergonham-se de ter um tal pensamento. Só um desejo alimentam os encarcerados: olham constantemente à esquerda e à direita, por cima dos ombros. E' o



Vanzetti

mêdo do desconhecido que o faz olhar por sobre os ombros, ao mesmo tempo que falam com os visitantes.

Vanzetti estava sentado num banco, o corpo abandonado, e cheio de calma. Quem o não tivesse conhecido, achá-lo-ia mudado. O seu olhar é sereno debaixo de amplas pestanas. Quando sorri, os seus lábios não tremem sob o espesso bigode. Tem a tranquilidade de um homem que se encosta a um muro: também olha, de vez em quando, por cima do ombro, como a verificar se alguém trepa atrás de si.

— Então? Como vai isso? — é a pergunta que mutuamente fazemos.

A questão é bastante longínqua, como um desafio observado por radiotelegrafia.

— Isto vai muito mal — disse, depois, Vanzetti. Tenho de trabalhar muito, aturadamente, mesmo. Há muitas coisas que quero escrever e talvez não chegue o tempo.

Estipularam-lhe três horas por dia para a leitura de jornais e escrever cartas e artigos. O restante tempo passa na oficina, onde trabalha no fabrico de chapas de automóvel.

— E' tão difícil escrever no cárcere. Antigamente, podia trabalhar nove e onze horas, diariamente, que teria ainda disposição para escrever. Tudo me saía espontaneamente. Raríssimas vezes precisava de corrigir qualquer artigo que tivesse escrito. Agora, tenho de meditar cada palavra. E' tão difícil na cela.

Chegamos a falar dos padres. Um e outro, o esmolador católico e o capelão protestante escreveram artigos e publicaram declarações contra Vanzetti. Acham desmoralizador que um condenado se escape, assim, de ano para ano, à cadeira eléctrica.

— Odeiam-me porque sou ateu — declarou-me Vanzetti. Se fosse com eles, se me fizesse humilde e lhes dissesse: «Padre, eu me arrependo, dê-me, eu rogo, a absolvição», eles ajudariam-me.

São tão cruéis para com este prisioneiro como certos médicos que maltratam doentes que não compram os seus produtos recitados.

— Por fim, pedi que me levassem à presença do padre Murphy, que se pôs a tremar como varas verdes. Eu queria vê-lo apenas para lhe dizer: «Que lhe fiz eu para que proceda contra mim, dessa maneira?» Tremia como varas verdes e nada dizia, a não ser umas palavras muito suaves. Eu era um criminoso e ele queria salvar-me a alma... Então, talvez o cardeal intercedesse por mim. Odeiam-me porque não sou criminoso.

No cárcere, uma vez que haja caído nas malhas da lei, grande crime é estar inocente. A terminar o tempo de visita. A hora prestes a soar. Que pensaria de um compromisso? Se as coisas mudassem, por influência de pessoas consideradas em Boston e da campanha do *Boston Herald* por uma nova e imparcial investigação do assunto, e se lhe fosse oferecido o perdão ou a comutação da pena? Desde o processo de Mooney tornou-se moda encarcerar toda a vida um homem se outro «crime» que o de ser revolucionário não puder imputar-se-lhe.

— Diga — pronuncia Vanzetti tranquilamente, sem um tremor na voz — diga que recusarei fazer qualquer súplica de perdão, comutação ou o que seja. E' porque hei de suplicar se estou inocente?

Boston.

João dos PASSOS

Na República chinesa

O dr. sr. Tomás da Fonseca efectuou sobre aquele tema, uma interessante conferência na Universidade Livre de Coimbra

Da interessante conferência que o dr. sr. Tomás da Fonseca realizou na Universidade de Coimbra sobre o «Oriente, tema de palpitante interesse mundial, passamos a reproduzir o seguinte excepto, lamentando que, pela falta de espaço, a não possamos publicar toda:

«Senhores: Eu sou dos que acreditam nesse jardim de nove fontes, tanta vez celebrado nas canções deste celeste império, onde foram beber as almas sequiosas do Ocidente, ou sejam as daqueles que no «mundo fizeram grandes coisas». A obra capital de um dos maiores, senão o maior Doutor da Igreja, Santo Agostinho, intitulada *De civitate Dei*, sendo, decerto, um reflexo poderoso desse império onde tudo o que pode ter forma e palpitar ao sóro anímico do génio, desde os templos onde dormem os Deuses, às vivendas tranquilas onde sonham os homens, guarda ainda a espiritualidade que lhes vem da divina pureza das suas linhas ou da bondade simples dessas almas, limadas, decantadas pela velha moral de seus avós. A mesma *Jerusalém celeste* dos cristãos outra coisa não é senão a cópia desse mundo estelar, onde tão bem se soube harmonizar a luz com a sombra, a terra com o céu.

Muitos séculos antes que São Paulo, nas sinagogas de Efezo e de Corinto, falasse aos seus irmãos na salvação da alma pelo amor, a mais santa, a maior das humanas virtudes, já nesse Extremo Oriente almas havia que, desiludidas ou cansadas pelos duros caminhos da cidade da terra, sonhavam e viveram as delícias da cidade do Céu.

Senhores: Não desejava fatigar-vos com estas coisas que, não preparando vida fácil nem empresa de largo dividendo, não interessam também às maiorias que aqui, bem sei, não comparecem. Mas se nelas persisto é porque, desde há muito e por toda a parte, não cessam de fazer ouvir-se as vozes dos que zombam desses orientais. E porque fazem isso? Mais ainda: Porque motivo é que, não obstante a grande imprensa, o livro e a estampa; a-pesar da telegrafia, com os seus fios, da facilidade dos transportes, da difusão das linguas e internacionalização dos ideais, em política, em arte, em filosofia — a China continua na sombra e, portanto, no olvido, como filho família que enovilhando a estirpe, recebeu por castigo a maldição paterna? A maioria sabe, quando muito, que os chineses são inclinados à maldade, que inventam suplicios atrozes, que não respeitam sexo nem idade e que, nas poucas horas que o instinto perverso os deixa livres, fabricam a seda, moldam a porcelana e aplicam às artes o charão. E, todavia, eles são, há muito, os nossos mestres.

Ega de Queiroz dedicou aos chineses páginas cheias de verdades amargas para o orgulho ocidental. (*Cartas Familiares*, p. 56, 59, etc.).

Mas deixemos o ódio e as brigas e voltemos àqueles que tão divinamente quiseram e souberam erguer as letras e as artes monumentos que o tempo não derruba. Falamos já dos da pedra e do barro, admirando ao mesmo tempo o bronze saído dos seus moldes. Vejamos agora os seus pintores.

Se a arte foi, nalgum país, uma função aristocrática, em parte alguma o foi num grau tão elevado como aqui. A ela se aplicaram os sábios, os letrados e, em geral, todos os intelectuais. E' assim que entre os pintores chineses aparecem imperadores, mandarin e altos funcionários da corte. Essa velha *élite* não se limitou a dizer e a escrever bem: os mesmos instrumentos que travagavam proclamações, decretos, discursos, contos, poesias, desenhavam as telas com que se decoravam os palácios e os templos. A mesma tinta da China reproduzia o ideal filosófico e o perfil adorado. Sem os claros escuros, sem nuvens que a sômbrem, esta pintura delicada não procura dar-nos da vida o seu aspecto verdadeiro, que é, como sabeis, quasi sempre doloroso e amargo.

Para o budista, todo espiritualidade, todo alma, um tal objectivo não seria só uma vulgaridade; seria um delito, uma culpa. O ideal do artista é, na verdade, libertar-se da ilusão do mundo, não ver de perto a vida, conservando das coisas apenas os contornos, a forma pura e colorida. Quando o pintor chinês ergue a paleta para o céu das coisas invisíveis, as suas telas reproduzem, em geral, os espíritos familiares, sombras de antepassados. Nesse limbo das almas os próprios diabo são benevolentes, cordiais, cheios de bonomia. Não vos trago para aqui as grandes telas onde brilham as grandes divindades, de gesto magestoso e riso olímpico. Vede, contudo, essa figura estranha, que caminha vestida de plumas e de flores, de margaritas e cristantismos como se fosse um bosque vivo, mas tão distante e tão outro daqueles onde Pan toca a fruta de cana... E' Makou, deusa da benignidade.

O retrato, que é, pode dizer-se, uma das últimas modalidades artísticas da Europa, constitui, na China, um dos géneros de pintura mais antigos. Observa um crítico, que visitou galerias chinesas, que nesses retratos raramente aparecem, como entre nós, os homens de armas, os heróis. Porque? Porque não é esse o ideal chinês. Pacifico, idealista, sentimental, humano, repelle tudo o que represente sangue e violência. O mesmo não acontece já em relação aos pensadores, letrados, mongus, eremitas e, em geral, a todos os cultores das chamadas artes liberais. Vede, por exemplo, esse quadro de Ganky, contemporâneo de Sung, e comparai-o com o que tendes visto nas galerias do Louvre, do Prado, de Bruxelas, de Roma. Conheceis, como toda a gente, o quadro de Rafael, representando o Leão X. Não me atrevo a confrontá-lo, todavia, pergunto: a qual deles preferência na vossa galeria, homens de gosto delicado?

Quanto às mulheres das telas orientais... Não temos facilidade de escolher, porque a China, para nós e graças ao zelo de certas potências europeias, que teimam em não-la apresentar sempre atrás duma grande muralha, não conseguiu ainda desvendá-la nos seus aspectos de riqueza e opulência artísticas. Vai ao acaso esse grupo, onde vereis no entanto serenidade, beleza, graça e perfeição, que raro encontrareis em todas as

ocidente. Até onde, senhores, até onde iríamos nós, se quiséssemos tratar da paisagem chinesa, seio fecundo, fonte viva onde foram viver e onde podem beber ainda todos os paisagistas de aquém e de além mar?

E' tradicional o gosto pela natureza entre os orientais, mais entre os chineses. Porisso eles são também os primeiros pintores de flores e de animais, pelo que ainda hoje a China é conhecida pela designação de *País dos Animais*. Ao passo que os ocidentais se comprazem em fixar na tela coisas que não têm vida, os chineses já mais assim procedem: a flor chinesa é sempre inteira, é sempre viva. Flor cortada é flor morta e sem aroma, e porisso a não pintam. O mesmo quanto aos animais. Para o chinês, a planta como o animal são coisas que reclamam inteligência e sentimento. E' porisso que na China existem escolas especiais para o bambu, para a cerejeira, para o nenúfar, etc. E daí também o facto de ninguém melhor que o artista chinês saber compreender, penetrar tão fundo na sua essência, dando-lhe tanta beleza e cercando-a de tamanho respeito e ternura. Compreende-se agora porque não pintam nunca uma flor cortada ou um animal esartejado.

A beleza moral, a doçura da família chinesa, revelam-se ainda nas festas que se tributam à primavera, onde a flor é uma aliada: um amor que não mente, uma promessa que não falta. Quanto ao seu carinho pelos vivos — crianças e animais (constantemente persistia em ver uma alma boa nestes amarelos), não encontro, para bem defini-lo, nada que melhor possa fazer-lo que aquela tocante lenda budica... E' breve como uma ternura e simples como tudo que é belo. Certo contemplativo adormeceria um dia, longe de torres e beirais, embalado pelo canto das aves. Ao acordar, porém, notou que uma andorinha, descobrindo a concha da sua mão, ali fizera o ninho! Recendo espantar o seu hóspede, o Santo não se move e cerra novamente os olhos doces...

Meus senhores: Findou há pouco a semana franciscana. Porque não levarei também este piedoso homem a fazer companhia ao seu irmão de Assis? Podeis fazê-lo na certeza de que se abraçará e beijará, fraternalmente, eternamente. Ou não fôsemos, os dois, irmãos da mesma regra...

Tomás da FONSECA

ASPECTOS DA COVILHÃ

O triste reverso de uma medalha

Agora, que o problema do jôgo interessa sobremaneira na forma de se resolver — tendo já *A Batalha*, quer por intermédio de entrevistados quer pela redacção, dito o que se lhe ofereceu sobre o assunto — que é o de ampla condenação — é mister que tornemos público o que segue e que é uma verdadeira faceta de tão pernicioso mal: o jôgo.

A Covilhã foi sempre desde há muitos anos um importante centro industrial.

Por altura da guerra, porém, desenvolveu-se mais, chegando a tomar aspectos de uma nova Manchester! Melhores ou piores os artigos que os da cidade inglesa não sabemos — porque é matéria para nós desconhecida.

O que hemos de concluir, entretanto, é o seguinte: o desenvolvimento industrial desta terra beirã teve algo de proveitoso — e consequências que ora se sentem e são funestíssimas.

Os industriais têxteis desta cidade desceram de quando em vez à Capital a fazer suas reclamações. O *mot d'ordre* é: as patas altas degarrias e as contribuições sobreacarragadas desmesuradamente, sendo infelizmente levados ao encerramento das fábricas, triste quadro negro na Covilhã, o que muito afecta a laboriosa cidade.

Bem ou mal fundadas tais reclamações, que ao serem feitas visam apenas à defesa dos seus escudos em risco e não ao benefício do público ou do operariado, pouco nos interessam.

E' que a Covilhã ao desenvolver-se na período que atrás citamos, criou, por necessidade, várias e filhas da condição do momento, certos e perniciosos males — males esses que afectando a sobremaneira agora, eram então um pouco do seu modo de vida própria, vida de fausto como os milhões ganhos com a guerra, vida de luxo e gozo para eles, industriais, e de miséria para os que nas fábricas gemiam sob o regime do salarido, esfumando-se à mesa verde e em céas caras as notas de banco de múltiplas cores que seduzem e entontecem...

A guerra! A guerra!

As fortunas multiplicavam-se fantásticamente — indo-se de pequeno industrial a importante fábrica e a fazenda!

Um enorme dilúvio de dinheiro estonteava o industrialado — não se sabendo quasi que fazer-lhe.

Distribuído por isso, a fartar, mais desbaratado pelo pano fatídico, montes de notas tiradas ao acaso das algibeiras!

Veu o reverso da medalha agora. Os negrões estão maus e as fortunas feitas sofrem rudes golpes.

Uma parte do dinheiro ficou pelos pontos que frequentavam o Grémio, o Club ou o Gimnasio — dinheiro que fazia buzinar estrondosamente automóveis chics e estalar em frenesim garrafas de champagne! — e a outra via desfilando-se ao sóro da tempestade económica que há muito tolhava o firmamento desabando agora em catadupas fatais!

Os industriais fizeram fortunas fabulosas; não só vendendo caro o artigo como explorando os seus operários.

Fizeram fortunas e não as souberam administrar. Resultado? — O que se vê: O trabalho nas fábricas reduzido a dois ou três dias na semana, o que o mesmo d' dizer «entrou a fome nos lars dos operários» — e, eles, industriais, estarem na contingência de baquear.

Que isso suceda que «rebentem», pouco

EFEMERIDES

15 de Maio

- 311—D. Diniz estabelece, que, vivendo um homem e uma mulher durante 7 anos consecutivos, erabitando na mesma casa como cônjuges e na reputação de tais entre a vizinhança, sejam havidos como marido e esposa e a união deles tornar-se há em casamento indissolúvel.
- 348—Uma enorme multidão de socialistas armados, comandada por Raspail, Blanqui e Barbès, dirige-se à Assembleia Nacional de Paris, com o fim de a dissolver, e invade o palácio Bourbon e a sala onde estavam reunidos os chamados representantes do povo, sendo repellidos pela guarda nacional.
- 392—Inaugura-se, na Câmara Municipal de Lisboa, o congresso dos professores primários.
- 394—Saí em Bruxelas o primeiro número de *A Ideia*, semanário comunista-libertário.
- 912—Morre o grande dramaturgo dinamarquês, August Strindberg.
- 924—O pessoal da Companhia Carris de Ferro, do Porto, vota a greve geral.

UMA SCENA DE SANGUE EM CASCAIS

Marido que mata a mulher procurando em seguida suicidar-se, devido a uma situação económica desesperada

A pitoresca villa de Cascais foi ontem, às primeiras horas da manhã, teatro duma scena de sangue que constemos os seus habitantes, dadas as circunstâncias que determinaram tão triste acto.

Na travessa Sebastião de Carvalho reside o piloto da marinha mercante, João Gravato, 27 anos, filho de Luciano Gravato e de Maria Augusta Gravato, em companhia de sua esposa, Maria Adelaide Arraia Gravato, 24 anos, e de seus filhos, Mario João, de 2 anos e Maria Luisa, de 3 meses. O João há tempo que andava desempregado e como não tivesse meios de fortuna começou a lutar com dificuldades. Não tendo meio de arranjar colocação, por mais que lutasse e como era um bom chefe de família, a necessidade não se lhe torturava o coração e o momento. Uma única e extrema solução encontrou e parece que, de acordo com a esposa, resolveu terminar com o lar. Assim ontem de manhã uma bala meteu na cabeça de sua esposa e uma outra desfechou num crivo. Ao ruído das detonações acudiram várias pessoas, que encontraram a mulher morta e o marido em estado grave. Pensando na localidade foi conduzido a Lisboa, onde no Cais do Sado, um auto maca da Cruz Vermelha o aguardava para o transportar ao Hospital de São José, em cuja Sala de Observações deu entrada. Quando entrou neste estabelecimento o João Gravato articulou as seguintes frases: —Eu fui um covarde, não soube morrer. Minha mulher era uma santa. O cadáver da desditosa senhora deu entrada na Morgue às 12 horas.

Várias notícias

BRUXELAS, 14—Por intermédio do Banco de Inglaterra, o Banco Nacional de Bruxelas comprou 17.500 francos de barras de ouro. — (L.)

PARIS, 14—O sr. Bokanowski, ministro do comércio, inaugurou esta manhã a feira de Paris. — (L.)

Lisboa trágica

Ferido no ventre

Na enfermaria de Santo Onofre do hospital de São José deu entrada Artur António das Neves, 9 anos, natural de Carnaxide e residente em Linda-a-Velha, e que próximo da sua residência, há 8 dias deu uma queda, ficando muito ferido no ventre. Como se sentisse piorar dia a dia, resolveu recolher ao hospital.

Com uma perna fracturada

Na enfermaria de Santa Joana do hospital de São José deu entrada Maria da Nazaré, 37 anos, natural e residente em Mafra, a qual, tendo ido a Cabeceiras, numa galera, dela caiu, resultando fracturar uma perna.

Perna partida

Na enfermaria infantil do hospital da Estrela deu entrada Isilda Horta da Silva, 3 anos, natural e residente em Vermeilha, concelho do Gadoval, e que na sua residência deu uma queda, resultando partir uma perna.

Várias

No Banco do Hospital de S. José recebeu curativo Fernando Correia, 10 anos, natural e residente na Cova da Piedade, que ali foi colhido por um automóvel ficando contuso pelo corpo.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos 8\$00

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de A Batalha

INSTRUÇÃO

Liga Pró-Moral

Efectua-se hoje a comemoração do 10.º aniversário da Liga Pró-Moral. Haverá, às 14 horas, uma sessão solene em que usará da palavra D. Maria O'Neill, D. Judite Vieira e José Tavares dos Santos.

Seguidamente, representar-se-á a peça «Amanhã» cuja interpretação está a cargo dos alunos da Escola Teatral Araújo Pereira. Colabora na festa a excelente Banda da Concentração Musical 24 de Agosto.

nos interessa. A responsabilidade de tal facto e as consequências que lhe sucederem são de única responsabilidade da organização social burguesa de que são parte integrante!

Haverá depois milhares de trabalhadores desempregados, fome e muita miséria. Está bem. Os trabalhadores, porém, forçados pelas circunstâncias, saberão agir em sua defesa.

Adolfo de FREITAS

INQUILINOS E SENHORIOS

AS GRACINHAS DE UM SENHORIO PORTUGUESE

PORTO, 13.—Nesta cidade está-se debatendo uma questão confusa que se levantou entre um senhorio e duas inquilinas—entre um sr. António Augusto de Almeida e umas senhoras D. Ana Mendes e D. Costa.

Como parece gozarem todos de bons cabedais, o debate vem-se fazendo nas colunas da imprensa diária e burguesa.

Este «direi eu e dirás tu» de senhorio e inquilinas, que não vivem mal, nunca nos interessou e não ser os imprevisos do emaranhado em que a questão está colocada. Jamais nos ocupámos, pois, com semelhante trapalhada.

Mas como o sr. Almeida quis em público dar uma nota inditta à sua argumentação contra as inquilinas, tratou de invadir o campo da mistificação e, assim, saiu-se com esta:

«Mas eu vou mais longe no meu estoicismo, fornecendo a estas pobrinhas sem fei, uma notícia de grande júbilo. E' que houve outro jornal! A Batalha, onde me disseram que a campanha era mais abertamente tratada e cuja leitura muito as deve honrar...»

Ora nós, nem de longe, nem de perto, nos referimos ao engraçado *Caso da Rua de Sá da Bandeira*. Pelo que se verifica que o tal sr. Almeida perdeu a cabeça com a questão. Se a sua razão contra as senhoras suas adversárias é tão pura como a flagrante intrujice que escreveu contra nós; se as suas testemunhas são tão verdadeiras como a pessoa que o informou a nosso respeito—somos forçados a concluir que as suas antagonistas é que estão em terreno sólido, e que se trata, portanto, de mais uma manigância senhorial...

Quanto à leitura poder agradar às inquilinas, pode sim, senhor, visto que *A Batalha* não vive de parlatipies, de negócios escuros, de patifarias: tem as suas mãos limpas, isto é: as suas colunas completamente arejadas e libertas de qualquer trafalicação. Por isso vive pobrezinha, mas honrada.

Do que nem todo o mundo se pode gabar... merecê dos estoicistas mercantilmente surripadores... —C.

AGREMAÇÕES VARIAS

Sociedade A Voz do Operário. — Reúne em assembleia geral, para eleição dos corpos gerentes para o ano económico de 1927-1928, sendo eleitos os seguintes consócios:

Comissão Administrativa — Presidente, José Gregório de Almeida; 1.º secretário, Luciano Ribeiro de Queiroz; 2.º secretário, Libério Colares Cientes; 1.º tesoureiro, Manuel dos Santos; 2.º tesoureiro, José Dias Urbano; 1.º vogal, José de Almeida; 2.º vogal, Francisco Lopes.

Assembleia Geral — Presidente, Luís António Rozendo; vice-presidente, José Maria Gonçalves; 1.º secretário, José Bernardo Lopes; 2.º secretário, Henrique Cabral da Fonseca; vogal, Augusto Fernandes.

Conselho Fiscal — António Francisco da Cruz, João da Cruz Guerreiro, José Carlos, António dos Santos, José Pinheiro da Fonseca.

—Esta importante colectividade de instrução e beneficência, que conta mais de 60.000 sócios e instrui nas suas escolas cerca de 3.000 crianças, vem de representar ao sr. ministro do Comércio solicitando a isenção de franquia na sua correspondência escolar. Foi solicitado do titular daquela pasta e do da Instrução que visitem a sede própria da Sociedade para avaliarem da importância da instituição.

Junção Humanitária Amor e Caridade. — Reúne amanhã, segunda-feira, a assembleia geral desta instituição em 2.ª convocação com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.ª—Eliminação de vários sócios.
2.ª—Aprovação de vários sócios honorários.
3.ª—Nomeação de uma comissão revisora dos estatutos.

Grémio do Minho. — Comemora hoje o 4.º aniversário da sua fundação com sarau dramático e baile, devendo todos os sócios apresentar à entrada a carteira de identidade e cota do mês de Abril, podendo também fazerem-se acompanhar de duas senhoras de sua família.

CONFERÊNCIAS

"Higiene infantil"

Na Universidade Livre, Praça Luís de Camões, 46, 2.ª, colaborando na «Semana da Criança», promove hoje, domingo, às 21.30 horas, a Sociedade Naturista, uma conferência pelo sr. dr. Castel-Branco sobre «Aspecto biológico da educação das crianças». A missão do professor e do médico na orientação profissional. A educação natural, factor de progresso individual e colectivo, sendo a entrada livre.

Amanhã, segunda-feira, também o secretário da Sociedade Naturista, sr. Luciano Silva, realiza no salão de festas da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, uma palestra às 21 horas prefixas sobre: «O valor económico, moral e social da criança».

"A Renovação Portuguesa e seus métodos"

Promovida pela Secção de Lisboa da Liga de Acção Educativa realiza o sr. dr. João Camoesas, na sala «Algarve» da Sociedade de Geografia de Lisboa, na segunda-feira, 16 de Maio, pela 21 e meia horas, uma conferência subordinada ao tema: «A Renovação Portuguesa e seus métodos».

"Naturismo"

Realiza-se hoje, no Sindicato dos Operários Manipuladores de Pão de Lisboa, pelas 18 horas prefixas, uma interessante conferência sobre Naturismo, pelo sr. Lion de Castro.

OS QUE MORREM

Custódia Mantolha

Em Coruche faleceu há dias a sr.ª Custódia Mantolha, irmã do nosso camarada Manuel Pereira Mantolha, deixando na orfandade 11 filhos, alguns de tenra idade.

A causa da morte foi a varíola que há muito tempo grassa naquela região.

AS ORIGENS E MENTIRAS DAS IDEIAS RELIGIOSAS

Diz-se na Bíblia, que criou Deus primeiro a terra, fez depois a luz e observando que esta ficava misturada com as trevas, separou uma da outra, dando a luz o nome de dia e as trevas o nome de noite. Veja-se se há cousa mais disparatada a luz-misturada com as trevas que são a negação da luz.

Isto, segundo ainda a Bíblia, foi nos primeiros dias da criação, e só no quarto é que Deus criou o sol e a lua! Caso engraçado, fez a lua antes de fazer o sol, donde dimensão luz!

No entanto, alguns dos Santos Padres da Igreja, afirmam que os dias logo no começo do mundo tinham tardes e manhãs tal e qual hoje sucede.

Depois de tudo isto, criados os animais e alguns deles sem utilidade alguma reconhecida, o que tem provocado bastos reparos até dos próprios religiosos, e o que levou Santo Agostinho a dizer: «Confesso ignorar a razão por que foram criados os ratos e as rãs, assim como as moscas e os vermes. Todas as criaturas são para nós úteis, nocivas ou superfluas. Quanto às nocivas, foram criadas para nos atormentarem, a fim de que não amemos esta vida». Lutero que em tantos outros assuntos segue os passos de Santo Agostinho, recusa-se entretanto, a acompanhar a teoria de que as moscas eram simplesmente superfluas, —eram: nocivas enviadas pelo Diabo para o importunarem quando estava a escrever» fez o homem amassando um pouco de barro e comunicou-lhe o espírito vital. E da mesma peça fez logo homem e mulher. Isto dá azo, a que Holbach diga que Deus teve ser hermafrodita, porque sendo o homem feito à sua semelhança ele o fez homem e mulher ao mesmo tempo. E daí —quem sabe— talvez assim, possamos explicar a degenerescência de certas e determinadas pessoas, e a necessidade de ser instituída recentemente uma policia especial para perseguir os pintadinhos, o que pode ter uma certa correlação, com o avigoreamento destes princípios católicos.

Para este caso responde St.º Agostinho, dizendo: «E' pueril supor que Deus por suas mãos fizesse o homem do pó... Deus não fez o homem por suas mãos, nem tão pouco soprou sobre ele com a sua bôca.

Formados Adão e Eva, únicos seres humanos criados por Deus, tendo a serpente já conversado ao que parece com Eva, que em virtude dessa conversa trincou a maçã, de que resultou, ao contrário com o que hoje sucede, pois hoje são as maçãs que que por vezes os não deixam nascer, nasceram Abel e Caim.

Na idade adulta faziam estes dois mocinhos as suas ofertas a Deus, como que a agradecer-lhe o especial favor de ter expulsado os pais do paraíso. E, caso esquecido e pouco próprio para Deus, aceitava reconhecido ao do dedicado Abel e pouco ou nenhum caso fazia das de Caim.

O que seria natural em qualquer mortal sempre sujeito a errar, mas um pouco esquecido em Deus. Caim ante uma tal desigualdade de tratamento, começou por odiar Abel e acabou por resolver matá-lo. E Deus que tudo prevê, tudo sabe e tudo vê, visto que está em toda a parte, não soube ou não quis evitar o crime de que ainda hoje os nossos avós nos falam, como se a ele tivessem assistido, antes foi o seu directo causador, visto que provocou a inveja, o ódio e a ira.

Assassinado «o pobre Abel, Deus, muito zangado, condena Caim a vagar errante sobre a terra; e, nem os leitores, como este mostrasse recelos de que alguém o assassinasse, Deus marcou-o com um sinal para que fosse respeitado!

Deus nessa altura tinha no mundo ao seu serviço apenas Adão, Eva e Caim, e assinala este para evitar que o assassinem!

Mas assassinou-o quem, e para que era necessário o sinal, pois se só existiam ele e os pais que muito bem o deviam conhecer?

Mas adiante, Caim, errante, foi dar com os ossos a uma região que na Bíblia se diz ser o Oriente do Eden; casou, foi pai dum menino chamado Hanoeh e fundou uma cidade à qual deu o nome do seu filho.

Mas casou com quem? Não pertenceria a mãe de Hanoeh, os construtores de Hanoeh e os habitantes de Hanoeh à espécie humana? Ou seriam os habitantes daquela terra filhos ilegítimos de Deus, que ali os tivesse mandado engeitar? Sim, porque se Caim ali casou e fundou uma cidade é porque alguém da mesma espécie ali habitava, ou então, era ele dotado do mesmo poder de Deus.

Deus, que apesar de tudo prever não evitou o crime de Abel, nem o pecado da mãe Eva, pecado de que nós ainda hoje sofremos as consequências, pois ele deseperado por tal, os amaldiçoou e a todas as gerações vindouras, cansado já de ver tanto sofrimento pela terra, sofrimento que provinha sem dúvida da descendência de Caim, resolveu um dia salvar a humanidade, mandando a viver no seio dos homens, o seu filho dilecto, Cristo, para que este, morto por eles, os remisse do pecado original, como se outro meio não tivesse para os purificar a todos e os tornar a todos cándidos, sublimes e bons!

Alem destes pontos serem tão obscuros que têm levado, gerações inteiras a eles arrastadas, tem a religião católica também dogmas, isto é, outros pontos fundamentais, tão ou mais obscuros como aqueles.

Assim o dogma da Trindade estabelecido no Concílio de Niceia.

Santo Atanazio explica este dogma pela maneira seguinte: tão clara como a água mais clara dos riachos cristalinos e puros: «A crença católica consiste em adorar um Deus na trindade, e a trindade na unidade, sem misturar as pessoas, nem dividir a essência. Deste modo uma é a pessoa do pai, outra a do filho e a outra a do espírito santo; e todavia as três formas apenas uma».

A este respeito diz Strauss «que os cristãos, em geral, dum ignorância crassa em coisas naturais, são decerto dotados dum grande poder de imaginação para compreender o sobrenatural, visto que certas concepções, que por absurdas repugnância ao nosso espírito, como afirmar que 3=1 e 1=3, são para eles simples coisas.

E por tão simples coisas, tem-se lutado durante séculos e têm-se vertido rios e rios de sangue.

Outro dogma é o da imaculada Conceição que, traduzido, quer dizer que Maria, mãe de Jesus, o concebeu e deu à luz ficando virgem, o que é um insulto lançado a descoberto à maternidade, mas que parece não o ter apercebido.

Que Maria concebesse ficando virgem, na aceção vulgar que este tem ao ser empregado, é segundo a ciência possível e vulgar. Mas dar um filho à luz, continuando virgem, é que nada há que scientificamente o acredite. Mas este dogma que não é sequer uma invenção da Igreja, como afinal não é nenhum, excepto o da infalibilidade do papa, foi objecto de acalorada e apaixonada discussão. Os próprios evangelhos (os quatro que o concílio de Niceia aceitou como bons), estão a este respeito em completo desacordo.

Assim, Lucas e Mateus dizem que Maria concebeu do espírito Santo, dizendo Mateus que um anjo foi prevenir José que estava apoucado — e o caso não era para menos — com a gravidez de Maria; enquanto Lucas diz que o anjo foi ter com Maria na véspera da visita do espírito santo, prevenindo-a que o esperasse. Os outros dois evangelhos não ocupam de tal.

Mas neste caso a apogonização de José, referente à gravidez de Maria, é até certo ponto justificável, pois que tendo ele sido prevenido de que o espírito santo era o futuro pai da criança, ao seu espírito lhe deveria ter ocorrido qualquer acontecimento de gravidez, pois que ainda hoje em algumas partes, o Criador é representado, ora como a terceira pessoa da Trindade, sob forma de pomba pairando sobre o caos, ora como a segunda pessoa, na figura de um mancho, algumas vezes como a primeira pessoa, com as feições de um velho venerando, e ainda outras vezes apresentando-se as três pessoas reunidas, as duas primeiras, um velho e um mancho, com a cabeça coberta com a tiara papal, tendo cada um deles presa dos lábios a uma-duma pomba.

Outro dogma é o dogma da infalibilidade do Papa. Este dogma foi proclamado pelo concílio de 1870 convocado por Pio XI e no qual também se formularam e insereveram na constituição dogmática da fé católica, os princípios que a igreja entendeu estabelecer para regular as relações entre a ciência e a religião. E é extraordinário o que ali se consignou.

Estabelece-se, logo de entrada, a existência dum Deus vivo, verdadeiro, criador do Céu e da Terra, todo poderoso, eterno, imenso, incompreensível, infinito em inteligência, vontade e perfeição, e que por sua providência protege e governa todas as coisas de extremo a extremo, poderosamente, ordenando tudo dum modo harmonioso e delinitivo.

A ser aceite este dogma, quer pelos católicos, quer pelos não católicos, temos de concluir um e outros, que o homem criado por Deus, se peça é porque Deus quer. E pecando, castiga-o; portanto, ou não podia criar um ser perfeito, ou o fez imperfecto para ter o prazer de o castigar. E' todo poderoso, tudo governa, tudo determina? As convulsões da natureza, os cataclismos, os grandes desastres são obra sua.

E' provável que alguém venha argumentar que tudo isto é para castigo dos ímpios, mas notem esses que com tal argumentum, que se alguém o é, é porque Deus o quer, e ainda de que essas grandes desgraças ferem às cegas, tanto os ímpios, aqueles que se não deixam acorrenar por falsas teorias, como os crentes, aqueles que a toda a hora rezam, frequentam a igreja e amaldiçoam e maldizem os não crentes.

Pouco depois de se ter realizado este concílio, acabavam os estados do papa e era proclamada a unidade da Itália, entrando, as tropas em Roma, após uma ligeira resistência.

Terminava de vez a situação ambicionada pelos papas e expressa nesta frase atribuída a Gregório VII: — Deus criou o mundo, logo o mundo pertence-lhe; o papa é vigário de Deus na terra; logo a terra pertence ao papa. — Deus que tudo dirige dum maneira harmonica, decerto assim o quis e determinou: isto deu-se pouco depois de o papa se ter proclamado infalível, isto é, depois de estar assente que não havia essência divina, depois de ele ter declarado que entregava a resolução da sua causa nas mãos de Deus que lhe respondeu, com a fácil vitória dos seus inimigos; hoje na verdade quasi tão amigos como antes e tão submissos como se nunca Garibaldi, essa grande figura da história, do mundo e da Liberdade, o usasse mostrar-lhe que Liberdade é alguma coisa de tão grande e de tão belo, que não basta uma tiara papal ou uma batinha, por mais negra que ela seja, para a encobrir, para a impedir ou sequer para lhe empanar o brilho.

Mas declinamos? Não! estacionamos e se não... veremos.

do virgem, é que nada há que scientificamente o acredite. Mas este dogma que não é sequer uma invenção da Igreja, como afinal não é nenhum, excepto o da infalibilidade do papa, foi objecto de acalorada e apaixonada discussão. Os próprios evangelhos (os quatro que o concílio de Niceia aceitou como bons), estão a este respeito em completo desacordo.

Assim, Lucas e Mateus dizem que Maria concebeu do espírito Santo, dizendo Mateus que um anjo foi prevenir José que estava apoucado — e o caso não era para menos — com a gravidez de Maria; enquanto Lucas diz que o anjo foi ter com Maria na véspera da visita do espírito santo, prevenindo-a que o esperasse. Os outros dois evangelhos não ocupam de tal.

Mas neste caso a apogonização de José, referente à gravidez de Maria, é até certo ponto justificável, pois que tendo ele sido prevenido de que o espírito santo era o futuro pai da criança, ao seu espírito lhe deveria ter ocorrido qualquer acontecimento de gravidez, pois que ainda hoje em algumas partes, o Criador é representado, ora como a terceira pessoa da Trindade, sob forma de pomba pairando sobre o caos, ora como a segunda pessoa, na figura de um mancho, algumas vezes como a primeira pessoa, com as feições de um velho venerando, e ainda outras vezes apresentando-se as três pessoas reunidas, as duas primeiras, um velho e um mancho, com a cabeça coberta com a tiara papal, tendo cada um deles presa dos lábios a uma-duma pomba.

Outro dogma é o dogma da infalibilidade do Papa. Este dogma foi proclamado pelo concílio de 1870 convocado por Pio XI e no qual também se formularam e insereveram na constituição dogmática da fé católica, os princípios que a igreja entendeu estabelecer para regular as relações entre a ciência e a religião. E é extraordinário o que ali se consignou.

Estabelece-se, logo de entrada, a existência dum Deus vivo, verdadeiro, criador do Céu e da Terra, todo poderoso, eterno, imenso, incompreensível, infinito em inteligência, vontade e perfeição, e que por sua providência protege e governa todas as coisas de extremo a extremo, poderosamente, ordenando tudo dum modo harmonioso e delinitivo.

A ser aceite este dogma, quer pelos católicos, quer pelos não católicos, temos de concluir um e outros, que o homem criado por Deus, se peça é porque Deus quer. E pecando, castiga-o; portanto, ou não podia criar um ser perfeito, ou o fez imperfecto para ter o prazer de o castigar. E' todo poderoso, tudo governa, tudo determina? As convulsões da natureza, os cataclismos, os grandes desastres são obra sua.

E' provável que alguém venha argumentar que tudo isto é para castigo dos ímpios, mas notem esses que com tal argumentum, que se alguém o é, é porque Deus o quer, e ainda de que essas grandes desgraças ferem às cegas, tanto os ímpios, aqueles que se não deixam acorrenar por falsas teorias, como os crentes, aqueles que a toda a hora rezam, frequentam a igreja e amaldiçoam e maldizem os não crentes.

Pouco depois de se ter realizado este concílio, acabavam os estados do papa e era proclamada a unidade da Itália, entrando, as tropas em Roma, após uma ligeira resistência.

Terminava de vez a situação ambicionada pelos papas e expressa nesta frase atribuída a Gregório VII: — Deus criou o mundo, logo o mundo pertence-lhe; o papa é vigário de Deus na terra; logo a terra pertence ao papa. — Deus que tudo dirige dum maneira harmonica, decerto assim o quis e determinou: isto deu-se pouco depois de o papa se ter proclamado infalível, isto é, depois de estar assente que não havia essência divina, depois de ele ter declarado que entregava a resolução da sua causa nas mãos de Deus que lhe respondeu, com a fácil vitória dos seus inimigos; hoje na verdade quasi tão amigos como antes e tão submissos como se nunca Garibaldi, essa grande figura da história, do mundo e da Liberdade, o usasse mostrar-lhe que Liberdade é alguma coisa de tão grande e de tão belo, que não basta uma tiara papal ou uma batinha, por mais negra que ela seja, para a encobrir, para a impedir ou sequer para lhe empanar o brilho.

Mas declinamos? Não! estacionamos e se não... veremos.

do virgem, é que nada há que scientificamente o acredite. Mas este dogma que não é sequer uma invenção da Igreja, como afinal não é nenhum, excepto o da infalibilidade do papa, foi objecto de acalorada e apaixonada discussão. Os próprios evangelhos (os quatro que o concílio de Niceia aceitou como bons), estão a este respeito em completo desacordo.

Assim, Lucas e Mateus dizem que Maria concebeu do espírito Santo, dizendo Mateus que um anjo foi prevenir José que estava apoucado — e o caso não era para menos — com a gravidez de Maria; enquanto Lucas diz que o anjo foi ter com Maria na véspera da visita do espírito santo, prevenindo-a que o esperasse. Os outros dois evangelhos não ocupam de tal.

Mas neste caso a apogonização de José, referente à gravidez de Maria, é até certo ponto justificável, pois que tendo ele sido prevenido de que o espírito santo era o futuro pai da criança, ao seu espírito lhe deveria ter ocorrido qualquer acontecimento de gravidez, pois que ainda hoje em algumas partes, o Criador é representado, ora como a terceira pessoa da Trindade, sob forma de pomba pairando sobre o caos, ora como a segunda pessoa, na figura de um mancho, algumas vezes como a primeira pessoa, com as feições de um velho venerando, e ainda outras vezes apresentando-se as três pessoas reunidas, as duas primeiras, um velho e um mancho, com a cabeça coberta com a tiara papal, tendo cada um deles presa dos lábios a uma-duma pomba.

Outro dogma é o dogma da infalibilidade do Papa. Este dogma foi proclamado pelo concílio de 1870 convocado por Pio XI e no qual também se formularam e insereveram na constituição dogmática da fé católica, os princípios que a igreja entendeu estabelecer para regular as relações entre a ciência e a religião. E é extraordinário o que ali se consignou.

Estabelece-se, logo de entrada, a existência dum Deus vivo, verdadeiro, criador do Céu e da Terra, todo poderoso, eterno, imenso, incompreensível, infinito em inteligência, vontade e perfeição, e que por sua providência protege e governa todas as coisas de extremo a extremo, poderosamente, ordenando tudo dum modo harmonioso e delinitivo.

A ser aceite este dogma, quer pelos católicos, quer pelos não católicos, temos de concluir um e outros, que o homem criado por Deus, se peça é porque Deus quer. E pecando, castiga-o; portanto, ou não podia criar um ser perfeito, ou o fez imperfecto para ter o prazer de o castigar. E' todo poderoso, tudo governa, tudo determina? As convulsões da natureza, os cataclismos, os grandes desastres são obra sua.

E' provável que alguém venha argumentar que tudo isto é para castigo dos ímpios, mas notem esses que com tal argumentum, que se alguém o é, é porque Deus o quer, e ainda de que essas grandes desgraças ferem às cegas, tanto os ímpios, aqueles que se não deixam acorrenar por falsas teorias, como os crentes, aqueles que a toda a hora rezam, frequentam a igreja e amaldiçoam e maldizem os não crentes.

Pouco depois de se ter realizado este concílio, acabavam os estados do papa e era proclamada a unidade da Itália, entrando, as tropas em Roma, após uma ligeira resistência.

Terminava de vez a situação ambicionada pelos papas e expressa nesta frase atribuída a Gregório VII: — Deus criou o mundo, logo o mundo pertence-lhe; o papa é vigário de Deus na terra; logo a terra pertence ao papa. — Deus que tudo dirige dum maneira harmonica, decerto assim o quis e determinou: isto deu-se pouco depois de o papa se ter proclamado infalível, isto é, depois de estar assente que não havia essência divina, depois de ele ter declarado que entregava a resolução da sua causa nas mãos de Deus que lhe respondeu, com a fácil vitória dos seus inimigos; hoje na verdade quasi tão amigos como antes e tão submissos como se nunca Garibaldi, essa grande figura da história, do mundo e da Liberdade, o usasse mostrar-lhe que Liberdade é alguma coisa de tão grande e de tão belo, que não basta uma tiara papal ou uma batinha, por mais negra que ela seja, para a encobrir, para a impedir ou sequer para lhe empanar o brilho.

Mas declinamos? Não! estacionamos e se não... veremos.

ECOS DA REVOLUÇÃO

Em liberdade

Ontem de madrugada foram postos em liberdade os seguintes presos que se encontravam no Governo Civil:

Agostinho Fernandes de Carvalho, de Chaves; Jerónimo de Oliveira, de Braga; José Caetano, da Covilhã; José Pedro Lourenço, de Gaia; Domingos Ribeiro, do Porto; Joaquim Dias Póvoa, de Benavilla.

O último destes presos só pode regressar à terra da sua naturalidade se assim o entender o administrador do concelho.

Solidariedade

Sindicato dos Manipuladores de Pão

Realiza-se hoje neste sindicato um soberbo espectáculo em auxílio do camarada Manuel Gomes, que se encontra desempregado há longos meses, subindo à scena as engraçadas comédias «O passarinho da menina» e «Os ciúmes» e o emocionante drama em um acto «O agulheiro».

Salão da Construção Civil

Efectua-se hoje, pelas 21 horas, no Salão da Construção Civil uma interessante festa promovida pelo Grupo Dramático da Construção Civil dedicada aos sócios e suas famílias.

Sociedades de recreio

Associação Concentração Musical 24 de Agosto. — Hoje, às 15 horas, «matinée», e às 21 1/2 horas, baile.

Jardim Zoológico

A banda de infantaria n.º 5 toca hoje neste jardim.

A Aldeia dos Macacos é inaugurada no próximo domingo, 22 do corrente.

Semana da Criança

Programa das festas a realizar pela Comissão Escolar da Construção Civil

1.ª parte: 3.º acto da peça social «João José».

2.ª parte: a engraçada comédia em



ECOS DUMA GREVE

Recorda-se a situação de dez ferroviários que há um ano foram deportados de Lourenço Marques

A greve ferroviária de Lourenço Marques, que teve início em 11 de Novembro de 1925 e o seu epílogo 4 meses depois, deu motivo a deportação de 10 grevistas para a Metrópole.

Apesar de decorrido mais de um ano, os deportados ainda não voltaram para junto dos seus, apesar dos transtornos que esse facto tem causado.

A propósito dessa deportação o jornal *O Emancipador*, de Lourenço Marques, publica um artigo assinado pelo sr. Dário Ribas que, por ser muito criterioso, passamos a reproduzir:

«As deportações sem culpa formada, são o que eu considero as piores acções de quem governa».

Elas representam uma violência inexplicável e sobretudo uma dor forte para as esposas e um quadro de tristeza para os filhos e parentes.

Uma deportação trás irremediavelmente a ruína do lar e bastas vezes a morte do deportado se ele não possui um coração forte para resistir.

Se a pessoa que sofre tal castigo não vai ao excesso — a que eu chamo doença — de se julgar um indivíduo temível, começa por achar o acto um disparate, pois que a importância que o governo lhe encontra ao deportá-lo, não passa de um excesso de zelo político, que vai indicando no seu *zelo de delictivo*, os discursos de A, B e C, que foi dizendo coisas que nem o pobre do agente percebeu.

As deportações são pois o fruto de uma tacañês de espírito político, que, (adequado ao meio em que os conflitos se desenrolam) apparecem com as suas informações torpes e tendenciosas a insinuar no espírito do seu chefe que a hidra é este ou aquele que mais se salienta.

Ainda há bem pouco tempo, me foi contado por pessoa de que não posso dividir, que um feliz chefe de polícia, destes que contam na folha de serviço inúmeros casos de descobertas e maior número de anos desta terra, interrogando um rapaz acerca de casos da recente greve, tinha de vez em quando saídas para o interrogado que o deixavam boquiaberto!

«Então, você também é bolchevista, hein?»

«Faz parte da Legião Vermelha e está agora fazendo-se ingenuo!»

E tantas outras de igual jaez, que ia deitando sobre as costas do que o tinha de alurar.

Ora não era de estranhar, que perante a perspicácia de tão erudito funcionário, não apparecesse ali imediatamente o *Legionário*, o *Bolchevista*, o *terrível*, aquele que num minuto possede deitar o fogo à cidade e beber toda a água do mar!

Operários, vítimas duma rancorosa denúncia

Parece estar averiguado que um dos presos que, enquadrados na última leva de terríveis avanços, foram comboiados para Lisboa, a despacho das autoridades que de fora vieram arribadas para o Porto, se deve à *casuística* denunciante de um abade em flagrante colisão com as leis de Deus, se admitirmos a sua existência indiscutível, bem como a moral dos seus preceitos que teoricamente retrancam todas as manifestações de patifaria vingativa...

Os padres, com ou sem abadia, ficando-se no baculatrismo dos seus dólitos tradicionalmente repressivos, cada vez mais se baseiam no rancor com que alargam a sua esfera de acção envolvente, a sobressair a felleira carola em que vão abarcando a cidade e arredores.

Pelo quartzo hialino do espelho de exemplos à *abade*, cujo nome em brasileiro também abarca a significação da ave a que nós chamamos pego, se nota a reflexão da habilidade *javertica* com que divinamente opera a polícia informadora do ministério do Interior. A bem dizer, a polícia está entre os muradas da sacristia — ou na delação, cobarde e falsa, do particularismo jesuítico. Os agentes, são subalternos encarregados apenas dos serviços de mais directa repugnância, visto que são os que primeiro, e mais a descoberto, expõem o seu contacto com as vítimas...

Daqui, a maneira atrabiliária, infundamental e injurídica, com que actualmente se está a levar a cabo detenções sem geito. O fanal guaitório, orientador, da perseguição às criaturas livres, está erecto na crucificação, na secriptura soberania dos roupeiros clericais, que incitam, cochicham, segredam, mostrando por debaixo do hábito negro da intolerância religiosa o *index* dos apontados — a prática estouvada do acossamento a toda-a-gente que não diga *amen* com eles...

Ou, *ad-verbis*, dão instruções para a montaria — ou *epistolagrama*, possível e secretamente, o plano tenebroso em que se tem de colher o parquinho que não possui cirio aceso na abside das abstrações perigosas, efeminadas, das religiosidades especuladoras...

Os piedosos sacerdotes da humilde doutrina cristã, desejam que se abram as portas do armazém dos crimes antigos que vão dar ao pálio lúgubre do Campo de Santana de 1817, ou da loja que vai ter ao quintal funéreo do Cais do Sodré ou da Praça Nova de 1829 — ao domínio da força.

Por um amor próprio ao nacionalismo integralista, não ambicionam a adaptação, para o nosso país, das desordens realistas de França, cuja onda sangüinária tingiu de escarlate, com o húmido sacrifício das chacinhas de centenas de protestantes, bonapartistas e republicanos, as ruas medievais de Marselha, Toulouse, Avignon, Nîmes, etc.; não deliram, cecatinamnos pelos euforísticos de Luís XVIII reaccionário, com um lúrror apotéptico de um Villèle triunfante seguindo o poder pela estrada rubra da tirania, que foi ligar às ordenações trágicas de Carlos X...

Para eles pateticamente lhes basta que se ateie o remémoro dos 17 anos de lutas entre liberais e absolutistas do *miguelismo* e *pedrismo*, prevalecendo as cacetadas nas ruas e os morticínios nas prisões... Muito embora possa surgir um novo Oliveira Martins a dizer-nos que estes estranhos tipos são uns *parasitas* e uns *aderentes* da última hora à causa republicana da situação.

O mais importante do caso, é que o rapaz era natural desta cidade e conhecido desde os primeiros anos, do funcionário zeloso e investigador!

A argúcia policial engendra, como deixou esclarecido, os mais terríveis agentes de desordem, fazendo chover atrás deles um número volumoso de telegramas, recomendando-os às autoridades onde se destinam e fazendo-lhes crer que eles são capazes dos piores actos.

Vem tudo isto em reforço do meu modo de pensar acerca de dez trabalhadores, que logo no início da greve ferroviária foram apanhados e deportados para Lisboa.

Quem são eles?

Não me pergunte o leitor porque apenas conheço quatro, e isso devido aos muitos nomes que eles tinham de residência nesta província.

Alheios à vida social, eram únicos e simplesmente grevistas.

Foram deportados, porque creio terem sido os primeiros que assomaram à porta do casarão onde se encontravam cerca de 200 grevistas!

A medida que a última sessão aconselhará e aprovará, era a deportação de dez indivíduos, para ver se com tal violência conseguiram intimidar os restantes.

Assim se fez, e de cambalhuda, lá foram dez homens para bordo do «Lourenço Marques», sem uma única razão a justificar a violência.

Já é decorrido um ano!

E porque eu saiba que esta ilegalidade não pode permanecer, daqui peço à primeira autoridade da província que, num acto de justiça, informe o ministro das Colónias de que os dez indivíduos deportados para Lisboa, pelo governo de Azevedo Coutinho, são inofensivos à ordem que em Moçambique existe. Se quiser, pode informar até que eles são únicos e exclusivamente as vítimas dum acto levado à prática sem precedentes.

Temos visto e assistido a deportações dos elementos principais nos conflitos, mas tal como se fez com os dez ferroviários que em Lisboa estão passando privações e distantes de suas famílias, nunca observámos ou ouvimos sequer que se tivesse feito.

Está nas mãos do Governador Geral desta Província a reparação da cruel injustiça, demais que entre os deportados há um com vinte e cinco anos de residência contínua, e com bastantes dificuldades de ali encontrar emprego.

Justiça, sr. Governador!

Seria um acto de justiça permitir a volta daqueles 10 ferroviários a Lourenço Marques, visto que nada determina a severa medida do tirano Azevedo Coutinho.

ção predominante, para a esmagar, na sua qualidade de denodados *atletas de frases*, de ódio esvurmado...

Que a passagem do Rubicon seja feita com toda a pressa das sequestrações dos bens dos desempoeirados, depois da vertiginosa idade das deportações, dos exilamentos, dos perseguidos. A paquidérmica palmilhação dos chefes do poder pelo terreno acidentoso das represálias, pode acarretar-lhes, como ao autor da *Carta Constitucional*, sérios dissabores, um eterno ódio gerado no atrazamento da marcha para a restauração turbulenta das implacabilidades do passado...

E se os armadores transitórios da desordem nacional, ao presentirem as manhosas intenções, os funestos desígnios dos sanguesedentos católico-realistas insatisfeitos por qualquer medida de generosidade, de tolerância geral, repetir, de cima da tribuna do teatro... político lusitano, a célebre frase proferida por D. Pedro, tão mal agradecido — «Fora, canalhas».

Um marulhar de apupos e um sarraivar de pedradas... reprobativas, fá-lo-ão evadir-se pela porta do cavalo do teatro das asneiras e das intrigas anavilantes...

Nada de liberdade... nem mesmo a chitice, como quis impor o *príncipe* que veio das Terras de Santa Cruz a Portugal sentar no trono a sr. D. Maria de Bragança...

O que os abades querem é que se recobre o ânimo dos juizes de Angeja, que aos denunciados operários só lhes falta levar as «portas e os telhados das casas» — e que se particularmente ao Porto a reacção lhe arrancará, em quatro dias, e em outros tempos, 528 assassinatos e 378 roubos políticos — hoje, nos nossos tempos, deve-se seguir uma contagem muito mais vantajada.

E' porisso que um abade dos arredores do Porto, cumprindo o programa, denunciou um dos presos que foi na leva que ultimamente deu entrada triunfante em Lisboa.

Sociedade Cooperativa de Consumo e Produção dos Fragateiros do Porto de Lisboa

Convoco a assembleia geral a reunir no dia 30 do corrente mês pelas 20 horas na sua sede, rua 24 de Julho, n.º 96, 1.º, e com a seguinte ordem de trabalhos:

Apresentar o relatório de contas do ano 1926-27 e parecer do conselho fiscal, eleger os corpos gerentes e apreciar uma proposta da direcção.

Não podendo reunir por falta de número, fica desde já convocada a segunda reunião para o dia 14 do próximo mês de Junho, reunindo nessa data com qualquer número de associados presentes.

Lisboa, 14 de Maio de 1927. — O presidente da mesa da assembleia geral, (a) Manuel Oliveira Manente.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 350.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 650.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 650.

A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

NA CIDADE DO PORTO

AS MEDIDAS MUNICIPAIS DE HIGIENE

O armígero município do histórico burgo das liberdades... retorcidas parece dispor-se a uma louvável actividade pasmosa. Há toques frenéticos de removimentação de vassouras a clamarem o tango das limpezas precisas e de empunhamento de agulhetas a esguicharem refrescadoras linfáticas de profilaxia despoliante...

Desobstruamos o caminho, desempicilhemos o campo das energias manantes de vontades e punhamos o nosso ponto de mira visual neste entusiasmo camarário que é preciso não deixar arrefecer.

Felizmente, o Porto, se por um lado está assediado nas suas mais caras franquias quanto ao sossego de exposição doutrinária dos seus homens livres — pelo outro sente a satisfação de ter podido descartar-se de todos os Carlos Pereiras que lhe pudessem opor diques à sorseja deliciosa dum pinga que, no estio à porta, suave o afogamento das gúelias.

Definitivamente proclamado o resgate do contrato com a Companhia das Águas, que nos lega uma história de torturas pela sede, um quasi semelhante à que os cossacos faziam passar aos condenados políticos após uma propositada refeição de arengues metidos numa pilha de sal — os nossos ilustres edis entenderam, e muito bem, que os esforços não devem ficar só por aquilo. Feito o regresso das nossas ricas águas portuguesas, e portuenses, para a posse legítima da invicta cidade do norte, a destruição amigável do vinclho estrangeiro deve ter uma finalidade salutar de mais auspícios usufrutos higiénicos e saciadores.

A capital da parte norte do país, que é a segunda metade de encantadores ajardamentos de verdura campesina, precisa de actualizar a sua *sócia* de civilização à moda. Envergar ropagens garbadas para sequestrar um corpo topográfico cheio de inmundicidades com alguns milímetros de altura é desfazer nos preceitos científicos e de sumo prazer divulgados pelos doutos higienistas e hidropáticos Kneipp e Platan.

Para que estes sistemas hidrogmásticos não fiquem a nadar em seco, foram nomeadas as necessárias comissões incumbidas de reverem as posturas municipais que se relacionam com a limpeza da cidade, a qual, positivamente, tem de deixar, mesmo nos seus mais escuros arcanos, de ser uma necessidade de configuração antiquada...

Concluídas as formalidades estudantinas peritament descritas em relatório oficial, vamos ver o Porto ir tomar banho nas águas remançosas do Rio Sousa, lá poeticamente velado pela beleza de duas margens de arborização luxuriante.

A espinha portuense vai robustecer-se em dorsálicas esfigrações de esponja...

Enquanto estamos a experimentar as prelições destas medidas sensatas, está também acertadamente deliberado que a zelosa Inspeção de Saúde promova, dentro do prazo de 15 dias, a inutilização implacável de todos os corthelos existentes na cidade e que não estejam rigorosamente beneficiados pelas condições devidamente regulamentares...

Perfeitamente aplaudível esta utilíssima resolução. Mas é preciso considerarmos que há cortes de animais domésticos, injustamente denominados *inferiores*, ao lado de uma infinita abundância de cortes de animais humanos, e não menos domésticos, a que *imprópriamente* chamam *superiores*.

Não temos a honra de postular de saber se os *curreis* de humanos se se conglomeram, e reciprocamente se se amocam em ruínas, nos bairros pobríssimos do coração das liberdades traídas, distão de harmonia codificante com as condições regulamentares impostas pelo município.

Mas o que não ignoramos é a existência dos corthelos excelentes de animais ricos, quer dizer: pertencentes a capitalistas, industriais, comerciantes e proprietários, que são incomparavelmente mais espaçosos, mais iluminados e mais decentes, do que milhares de tugúrios proletários... Já temos dito, por acaso, a sentinas *diças*, que as tomaram muitos produtores para sua arejada habitação...

Já se pensou no escandaloso anti-civilizadorismo especializado nessas infames baicas que os antigos *selvagens* de outros costumes *incultos* só desejariam ver-las nas convulsões de um incêndio purificador?

Bem sabemos que a pirâmide de Keops levou, segundo Herodoto, três meses de trabalho contínuo em que se empregaram 100.000 operários. E que para a construção dessa pirâmide se gastaram, conforme os cálculos de Petrie, 2.300.000 pedras de 40 pés cúbicos cada uma.

A remoção, por exemplo, da porcaria do Barredo, e competente demolição dos seus corthelos humanos, seria naturalmente uma gigantesca pirâmide erguida em homenagem imorredoura à Civilização Moderna. Compreendemos igualmente que a erecção de um tal monumento, exige os braços de milhares de trabalhadores, o emprego de um número incalculavelmente avantajado de calhaus e muitíssimo tempo. E se para Keops se convergiu, por assim dizer, as atenções, os esforços de todo um país, para o monumento daquele asseio, e outros de idénticas formosuras sanitárias, é imprestável a concentração de todas as boas vontades da cidade...

Mas não nos faltam pedras, porque abundam as pedreiras; braços, porque o desemprego é assustador; e tempo, porque é infinito, tendo a experiência disso nos séculos, nos milhões de séculos que o mundo tem caminhado... e tem para andar...

Embora se pondere nestas coisas, dignas de fazer suar a criatura mais denpada em enxúndias, podiam, no entanto, já que nos livrámos do contragotejamento da Companhia das Águas, cujo contrato acaba de ser resgatado entre discursos justificados — fazer-nos crescer água na boca com uma ideal discussão sobre hipotéticas reformas do burgo mais arrepiante que de todos nós é conhecido...

Assim, atendendo a que a classe rica e elegante do Porto está sempre com a bolsa aberta para socorrer todas as iniciativas de espectacularidade caridade, os ilustres vereadores podiam estudar já umas bases de subcrição voluntária, ou um pouco coagida, a fazer-se pelos potentados da terra, cujo produto era destinado a auxiliar as boas ideias da Câmara para o fim em alusão.

Embora soubéssemos que os enriqueci-

Sobre organização

Necessidades e órgãos artísticos, científicos, morais, jurídicos e políticos

Com a filosofia do século 18, a moral começa a querer sair da tutela religiosa, a passar para a metafísica dos princípios absolutos e a tornar-se, em seguida, positiva, emancipando-se, tornando-se independente da fantasmagoria das crenças teogónicas.

Só na época presente é que se esboçam os seus órgãos, se manifesta a tendência de criar agregados cuja função seja satisfazer as necessidades morais dum bom procedimento, do bem mútuo, do recíproco auxílio, do direito à vida social, à solidariedade social — substituindo o antagonismo individual, o egoísmo grosseiro e dissolvente que caracterizam essa moral imoral da caridade, da beneficência e da assistência — das religiões inventadas para uso próprio e dum postigo humanitarismo.

Satisfeita, embora intermitente e imperfeitamente, a necessidade moral de dedicação, a outrem, ao todo social, baseada no sentimento d' simpatia, mútua e de solidariedade humana, que é, por sua vez, a resultante dum relativo bem estar económico comparado com o das primeiras sociedades, vivendo num meio afectuoso em que os sentidos estão já relativamente educados pela arte e o cérebro esclarecido pela ciência e possuído duma consciência — esse sentimento de simpatia fundamento da conduta humana, transforma-se na ideia de justiça e nasce, então, a necessidade de ser justo.

Começam a aparecer, então, os primeiros órgãos jurídicos, ainda hoje extremamente grosseiros, numa imperfeição inconsequente com o seu fim.

Assim como a necessidade moral foi satisfeita primeiramente dentro do organismo religioso, para depois se emancipar, assim também a necessidade da justiça, de dar a cada um o que lhe é devido, foi inicialmente satisfeita dentro do mesmo organismo, da religião. Por muito tempo a lei é o texto sagrado, a pena uma expiação religiosa, uma sentença de Deus.

Hoje os agregados jurídicos ainda têm a característica dos órgãos rudimentares: o despotismo substituindo o consenso mútuo das inteligências. A força impera sobre o direito, como se prova pelo facto dum mesmo acto poder ser considerado crime ou não, dentro do mesmo espaço e no mesmo momento histórico, conforme é ou não praticado em nome da violência do mais forte ou não. Um acto reputado e punido como crime pela lei penal pode ser considerado louvável quando cometido pelas classes do poder, pelos fortes e poderosos...

A necessidade de justiça existe, mas ainda está longe de ser organizada devida e científicamente.

Finalmente, outra necessidade se cria: a da política — não confundir com a política — isto é, a de coordenar, de ligar todos os agregados, todos os elementos individuais, no sentido do bem geral e comum, aproveitando e conjugando as suas respectivas actividades na realização duma sociedade perfeitamente solidária em que o trabalho de todos e de cada qual seja exclusivamente orientado no bem estar e satisfação das necessidades comuns e não numa concorrência desleal, antagónica, divergente e desperdiciadora de forças.

Esta necessidade também se desenvolveu até à época presente organizando-se dum modo positivo. E' também a força, o dogma, a crença, o empirismo grosseiro, que até hoje tem predominado e servido de base na organização política dos povos — restos ainda da organização primitiva das sociedades fundadas na luta, na guerra, na violência, no exclusivismo feroz do mais forte e do mais autoritário.

Tem-se satisfeito essa necessidade, ora por meio dos agregados sociais rudimentares ou duma outra natureza social especial como os económicos, a tribo, o clã, a comuna ou município, a nação, ora por meio dessas fíctícias chamadas estados, que só a violência militarista, a conquista, mantêm em equilíbrio instável.

E' este estado, filho duma filosofia social de natureza metafísica, que atribue uma influência quasi milagrosa a certas fórmulas políticas que na realidade nada ou pouco modificam a sociedade bárbara.

Se a vida política é ainda hoje o refúgio de todos os nulos e cavalheiros de indústria e do «bólvivo» é porque a política não atingiu na prática a sua forma científica, ainda não foi exercida como ciência: é apenas um vasto campo de manobras de reles intrigantes e de imundos mistificadores, onde a inteligência se embrutece, a dignidade se achincalha, o carácter se desonra, os sentimentos se embotam, onde a consciência se vende.

A carestia da vida

provoca manifestações populares na Itália

ROMA, 14.—Em consequência das manifestações, em toda a Itália, contra a carestia da vida, realizou-se no palácio Lictório uma conferência entre o presidente da confederação industrial e comercial, o deputado Tiroi e o sub-secretário de Estado Suando, Bottoli e Bise, tendo ficado assente serem tomadas as providências necessárias para se alcançar a baixa do preço dos géneros de primeira necessidade. — (L.)

dos se iam ressarcir do subscrito na miséria explorada dos desprivilegiados...

Como nada disto vemos em acontecimento, apenas ficamos sabendo que se trata duma medida segundo a qual só os bem munidos de dinheiro é que estão habilitados a possuírem corthelos. Os «teos», esses não podem criar uma galinha, sequer, para as suas dores de cabeça ou para aquelas ocasiões em que se tornam multiplicadores dos habitantes do país...

No entanto, contentemo-nos com a resolução de obrigar, de hoje para o futuro, a mencionarmos sempre nos projectos para a construção e reconstrução de prédios, a canalização da água dentro do edifício, sua origem e destino das águas pluviais — vantagens que serão para aqueles que as puderem pagar...

Do mal, o menos — sempre assim foi... Diógenes de SINOPE

CRONICA DO ESTRANGEIRO

OS AVIADORES FRANCESES AINDA NÃO APARECERAM

A embaixada dos Estados Unidos desmente uma informação... que lhe foi atribuída...

As pesquisas continuam febrilmente mas sem resultado

NOVA YORK, 14.—Começaram esta manhã na costa ocidental da Terra Nova e no Golfo de São Lourenço, prolongando-se até o Labrador, as pesquisas para a descoberta do paradeiro dos aviadores Nungesser e Coli. O ministro da marinha dos Estados Unidos é de opinião que os aviadores podem ter amarrado entre São Lourenço e Labrador.

O presidente Coolidge telegrafou ao Sr. Presidente da República francesa, informando-o da intensificação das pesquisas para que se encontrem os aviadores Nungesser e Coli e afirmando a sua confiança em que eles estão vivos. — (L.)

Em busca de um milagre

SÃO JOÃO DA TERRA NOVA, 14.—Muitas pessoas afirmam terem ouvido na noite de segunda-feira, ao longo da costa, o barulho de um motor que julgaram ser da Ave Branca não permitindo o nevoeiro divis-lo. — (L.)

Onde param os aviadores?

PARIS, 14.—A embaixada norte-americana nesta cidade desmente que tenha recebido qualquer comunicação acerca do aparecimento dos aviadores Nungesser e Coli, que haviam partido para Nova York.

NOVA YORK, 14.—Os aviadores Chamberlain e Bertaud, se o tempo for favorável, partirão às primeiras horas da manhã de hoje para o «raid» Nova York-Paris. — (L.)

A guerra aos comunistas

Uma diligência da polícia inglesa redonda em acesa questão diplomática

LONDRES, 14.—A nota do encarregado dos soviets em Londres, sobre o assalto da polícia à casa «Arcos», protesta energicamente contra a apreensão de documentos diplomáticos e contra a prisão das esposas dos funcionários russos que ali se encontravam e diz que espera instruções de Moscovo sobre o caso.

Na câmara dos comuns, o ministro do Interior declarou nada ter o governo que intervir na acção da polícia, que não precisa da sua sanção para casos daqueles.

O sr. Jovson Hicks, interrogado pelo trabalhista Henderson sobre o assalto, declarou que só depois de terminadas as investigações policiais poderia dizer qualquer coisa.

As autoridades continuam passando buscas domiciliárias.

Os documentos apreendidos pela polícia estavam encerrados em cofres dissimulados nas almofadas das portas.

Não tendo o presidente da associação bolchevista entregue no prazo de três horas as chaves dos cofres, foram estes arrombados.

Continham também muitos ingredientes para o fabrico de explosivos. — (L.)

A impressão no estrangeiro

MOSCOVO, 14.—Causaram grande indignação os sucessos de Londres, esperando o governo detalhes minuciosos para orientar a sua acção. — (L.)

PARIS, 14.—Nos meios diplomáticos, há graves receios acerca do resultado dos acontecimentos de Londres. — (L.)

BERLIM, 14.—A imprensa não se manifestou ainda sobre o assalto feito pela polícia de Londres à casa comunista «Arcos». — (L.)

O «nó-górdio» da questão?

GENEVA, 14.—Causou sensação nesta cidade o caso das prisões e apreensões de documentos comunistas, efectuados pela polícia de Londres.

Ossinski, delegado russo à Conferência Económica, declarou que isso vinha estorvar as relações comerciais agora nascentes, entre a Rússia e as outras nações.

Alguns delegados responderam a este, dizendo que era a Rússia quem dificultava essas relações, abusando da hospitalidade a ela dispensada pelos outros países. — (L.)

A repressão no império japonês

TOQUIO, 14.—Foram efectuadas bastantes prisões de russos e japoneses acusados de fomentar o comunismo no Japão. Depois de interrogados foram alguns deles restituídos à liberdade.

Os portos receberam ordens para vigiar rigorosamente a entrada de estrangeiros a fim de evitar a introdução dos comunistas em território nacional. — (L.)

A cheia do Mississipi

As águas invadam os campos de açúcar

NOVA-YORK, 14.—A cheia do Mississipi em Missouri, ameaça inundar todos os campos de açúcar, que são considerados a quasi totalidade de produção deste artigo nos Estados Unidos.

Mais de 25.000 camponeses, suas mulheres e crianças, fogem ante o avanço das águas, e receta-se que este número seja elevado ao dobro dentro de alguns dias.

Os diques do rio Atchafalay ameaçam também rebentar. — (L.)

A política burguesa

Agitação na Alemanha

BERLIM, 14.—O governo sanou todas as divergências acerca da lei de defesa da República, tendo conseguido que os nacio-

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

A'manhã, pelas 21 horas prefixas, devem comparecer o tesoureiro e o cobrador para se ultimarem trabalhos pendentes.

Para tratar ainda de assuntos, que se prendem com a crise de trabalho, devem também comparecer amanhã, pelas 22 horas, os delegados dos Manipuladores de Pão e Pessoal do Município e aqueles de outros sindicatos, a cujos convites feitos em A Batalha não têm correspondido como seria para desejar.

Comunicações

S. U. da Construção Civil.—Conselho de Secções.—A comissão delegada deste organismo, na impossibilidade de falar com o governador civil de Lisboa, sobre o desrespeito do horário de trabalho, entregou ao secretário daquela autoridade uma exposição sobre o facto. Tendo-lhe sido presente a exposição, o governador deu uma resposta satisfatória à reclamação, pelo que o sindicato vai convocar na próxima terça-feira, as comissões administrativas das secções e respectivos fiscais do horário, a fim de se recomenciar a actividade de manutenção do mesmo, que tem sido atirado, por patrões e falsos operários, que se inculcam, com o propósito de anular uma reivindicação dos operários da indústria, e mais tarde reconhecido por uma lei em vigor.

Sindicato Unico Metalúrgico.—A comissão administrativa, em sua reunião de quinta-feira, deu posse aos elementos que foram nomeados para preencher as vagas desta comissão, faltando ainda tomar posse os restantes camaradas nomeados para a comissão da biblioteca e mesa da assembleia geral.

Occupando-se de vários expedientes, resolveu convidar o secretário geral e o camarada Bernardino Santana a comparecerem na segunda-feira às 21 horas, a fim de trocarem impressões sobre um assunto de alta importância, assentando oficial à Parceria e União Fabril sobre uma questão que diz respeito ao pessoal metalúrgico.

Resolveu substituir o cobrador da área de Campo de Ourique e percorrer a área de Alfama e Campo de Santana no sentido de normalizar esta área.

Convocações

PARA HOJE: Sindicato Unico Metalúrgico.—Secção do Povo do Bispo.—Reúne pelas 14 horas, a Comissão Administrativa, para assunto urgente.

DIAS PRÓXIMOS:

União Têxtil.—Reúne na próxima terça-feira a direcção pelas 20 horas.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reúne em assembleia geral na próxima terça-feira, para continuação dos trabalhos pendentes.

Associação de Classe dos Operários Manipuladores de P